

A VOZ DO COMERCIO

QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS

1915-PORTO

ASSINATURAS
(Pagamento trimestral adiantado)
CONFINENTE 6800
COLONIAS 13800
ESTRANGEIRO 28800
Numero avulso—3500
Redação e Administração
R. Santa Catarina, 502—PORTO—(Portugal)

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ANTONIO MARTINS DA FONSECA
EDITOR
ALBERTO FERNANDES LEAL

Toda a correspondência deve ser dirigida á Redacção.

OS ORIGINALS NÃO SE RESTITUEM

Comp. e Imp. na Tipographia ARTES & LETRAS
Rua Fernandes Tomás, 915—PORTO

1.º ano

Pôrto, 15 de Dezembro de 1929

N.º 24

CONSELHEIRO SOUZA AVIDES

Pode parecer estranho que esta revista preste homenagem, de vez em quando, a vultos que já não pertencem ao numero dos vivos. Ella presta-a a todos os que lh'a merecem, quer vivam ainda na terra quer não, sem atender aos seus credos politicos se os tiver: ella presta homenagem a todos os que foram ou são *Alguem* e principalmente aos grandes vultos do commercio e da industria do Porto.

E vultos houve, como aquelle que hoje ilustra as colunas de «A Voz do Comercio», que não morrem nunca. Disse alguém: O homem não vae todo á sepultura; a mais nobre parte d'elle fica vivendo, viverá sempre e não perde o direito á estima e consideração dos outros. Logo, não é a um morto que se está prestando uma homenagem mas a um homem cuja parte mais nobre ainda vive e viverá sempre! Vive o seu espirito e vivem as suas boas obras que ficarão a atestar pela vida fora a sua passagem pela terra, cuidando mais dos outros do que de si, trabalhando mais para o bem dos outros do que para o seu proprio bem, porque para elle o que merecia cuidado especial era a —res-publica... (1)

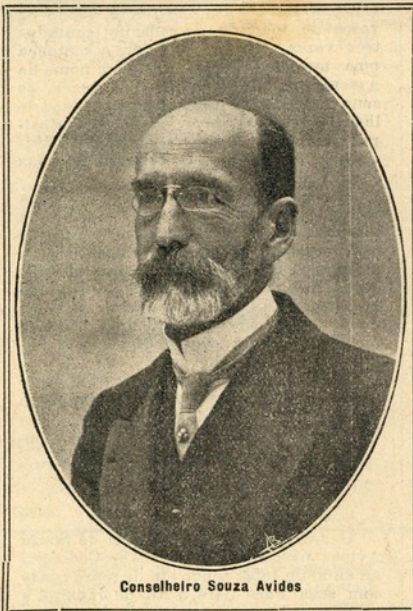
Este homem de apparencia modesta, em cujo rosto transparece a bondade que é o apanágio das almas de eleição, teve uma vida de sacrificio pelos outros e foi um verdadeiro homem de bem. Dedicando o melhor do seu tempo á medicina e á administração municipal portuense, teve sempre em vista—o progresso desta cidade que elle estremecia desejando vê-la sempre de cada vez mais bella, de cada vez mais progressiva.

O municipio para elle, era alguma coisa importante, alguma coisa util, capaz de concorrer para a perfeição social dos povos. Elle conhecia bem a sua importancia e o papel que os municipios desempenharam desde a mais remota antiguidade como instituições democraticas (não confundir com demagogicas) e o que elles eram já sob o dominio dos antigos romanos, e como elles tem vindo até nós através dos seculos sem que as convulsões violentas que a Historia regista os tenham demolido.

Pelo contrario, elles resistem a tudo e afirmam-se tam vigorosos e tam sadios que no dizer de um historiador consciencioso estão destinados a ser no futuro instrumentos de regeneração social.

Realmente os romanos exerceram uma

influencia benéfica na península e deixaram vestígios imperecíveis da sua permanencia entre nós. Alem das suas instituições, das suas leis, deixaram-nos inumeros monumentos, alguns originaes e outros construidos na arte romanica—aquella arte derivada da antiga arte dos Romanos (veja-se o soberbo exemplar que é a Sé Velha de Coimbra) e ainda um outro historiador nos diz que a influencia da civilisação romana é principalmente sensível no que poderemos cha-



Conselheiro Souza Avides

mar a historia do povo bem distinta da historia dos reis, e que remontam a essa civilisação as origens do municipio portuense, a instituição popular por excelencia.

Não obstante, a liberdade e a independencia são flores mimosas e vivacissimas que se dão bem neste «Jardim da Europa á beira mar plantado» e tam bem o sentia o grande Viriato, esse valente candelho lusitano que nascera entre as fragas da Estrella, esse heroe ingénio e masculino, que com um punhado de bravos

montanhezes de alma tam intrépida como a sua, por largo tempo combatu as legiões romanas, oferecendo-lhes invencível resistencia e tão grande ella foi que para o vencerem foi preciso recorrer á traição! Roma sobresaltada resolveu mandar á Lusitania experimentados generaes cuja tactica militar era inferior á de Viriato que zombou delles durante cinco annos (Anno 140 A. C.).

Ainda lá está em Vizeu, (o *Viso* ou *Vacca* antiga) cidade gloriosa e formosa, fundada em remotissimas eras talvez pelos Turdulos cinco seculos antes de Cristo, a Cava de Viriato, essa formidável muralha de terra, com seus largos fossos, construção prehistorica da qual pode dizer-se que só restam vestígios, a atestar essa epoca de lutas pela independencia desta linda terra que o sol doira e a brisa do mar oscula!

Essa muralha terrea impressiona-nos porque coloca deante da nossa retina o heroe ingénio da independencia, invencível, com seus guerreiros retemperados pelos nevíes dos Herminios, combatendo contra as legiões romanas comandadas pelos generaes Aspianno, primeiro, e a seguir Cesarão e Chantero, com sua experiencia derrubada ali pela tactica do lusitano. Tem esta visão quem passar de frente da Cava ao sol posto, como o fez quem estas linhas escreve, e fixar bem o local, recordando essa epopeia, chamemos-lhe assim, levada a efeito por Viriato, que a deixou em meio porque o dinheiro de Roma armou contra elle os braços de dois dos seus officiaes!

Fixae bem essa fortaleza feita de terra e descortinareis ao longo d'ella os vultos irrequietos dos soldados lusitanos com o seu chefe á frente, dispondo-os para as batalhas; repareae bem nesse homem indomável que se distingue no meio dos seus soldados, pela sua estatura descomunal, a barba hirsuta, os braços nus, empunhando um cajado enorme feito do tronco d'um sóbro da Estrella, a busina feita de chifre, a tiracolo, todos empenhados em dizimar os romanos, em rechazar os romanos!

Que grande que tu foste, Viriato, e como trocaste a paz do teu lar havia pouco constituido para te lançares na

(1) Coisa publica.

guerra com o fim de impedires que extranhos viessem dar leis na tua terra!

Gloria a ti, Vizen, cidade bem portugueza entre as demais cidades portuguezas, porque dentro dos teus muros batalhou o grande precursor da liberdade e da independencia d'esta linda terra. Os teus monumentos atestam a tua antiga grandesa e dentro dos teus muros ainda existem vestigios das tuas façanhas gloriosas d'outras eras. Os teus arredores formosissimos, os teus campos pitorescos e fertéis fazem de ti uma estancia desejada e tudo á tua volta indica que te estão reservados longos dias de progresso e felicidade! Também nunca deixarás cair no esquecimento o nome do teu grande heroe legendario; se o fizesses, as quebradas dos teus montes ecoariam por muitos seculos ainda esse nome glorioso bem como os sons estridulos da sua buzina chamando á luta os seus bravos companheiros d'armas!

Mas... já é tempo de voltarmos aos municipios.

O do Porto que foi por largos anos administrado pelo nosso homenageado, a quem ficou devendo inumeros e valiosos serviços, tendo desenvolvido, para os levar a efeito, uma extraordinaria actividade que se reflectiu em varios melhoramentos citadinos que ahi ficaram, poucos se lembrando hoje do seu esforço para bem servir a sua terra que encontrou nelle um defensor acérrimo das suas prerogativas e das suas gloriosas tradições, não desejando com isso ficar atrás dos *homens-bóos* que durante seculos se sentaram nas cadeiras *curves* do *Domus Municipalis* tripeiro.

Vem muito a proposito uma curiosa informação que nos dá o grande historiadador Alexandre Herculano no volume IV da sua Historia de Portugal acerca dos costumes municipaes do Porto nos tempos antigos.

Examinando um documento do seculo XIV verifico que anteriormente a essa época os magistrados portuenses revestidos do cargo de *almotacé* (inspector de pesos e medidas) conservaram por muito tempo no exercicio da *almotaçaria* mais de uma formula externa do officio do *mohtesib sarraceno* (ou *al-mohtasib*, palavra arabe que quer dizer *almotacé*).

Acrecenta que no Porto, como terra senhorial da Igreja, a eleição dos *almotacés* pertencia em parte ao cabido e em parte ao concelho, e que eram ao todo ou dois ou quatro, um ou dois escolhidos pela Igreja e um ou dois eleitos pelo povo, tendo de exercer identicas funções. Uma delas consistia em correr o açougue e o mercado levando consigo balanças para fiscalisarem o peso dos géneros. O pregoeiro do concelho era obrigado a cumprir as ordens de qualquer dos *almotacés* quando mandavam lançar pregão pela cidade sobre objectos que diziam respeito ao desempenho do seu ministerio.

Havia tambem os *alcaldes* (oficiaes de justiça) representantes do poder central e do municipal, os *alvasis* *alcaldes* ou *juizes*, os referidos *almotacés*, *oficiaes publicos* cujo ministerio embora abrangendo actos da administração e ainda funções fiscaes era essencialmente caracterisado pelas atribuições jurisdiccionadas. O objecto principal do cargo de *almotacé* era a policia do commercio interno do municipio (a base do regimen municipal era a familia) e o de impedir as falsificações da industria fabril daquela epoca, cuja produção grosseira e imperfeita era reduzida.

No referido volume IV, Alexandre Herculano escreve:

«O principio municipal, attenuado e obscuro, sob o dominio sarraceno brilha

de novo á luz da Historia e dilata-se á medida que a monarchia leoneza progrediu: isto é, á medida que a reacção cristã restaura, até onde as circunstancias da Sociedade o consentem, as tradições do direito publico e privado dos visigodos, dos quaes os modernos povos da Peninsula se ufanam de trazer a origem.

Não são só as necessidades presentes, são tambem as recordações do passado que criam os concelhos com magistraturas electivas, com jurisdicção propria, com direitos e deveres colectivos.

Os concelhos portuguezes anteriores á monarchia ou fundados nos seculos XII e XIII, podem dividir-se em rudimentares, imperfeitos e perfectos. E' nestes três grupos que naturalmente vem collocar-se todos os foraes que nos restam.

Convem esclarecer que concelhos rudimentares eram aquellos que gosavam de privilegios meramente fiscaes ou administrativos. Imperfeitos, aquellos onde havia jurisdicção local, com ou sem funcionario fiscal. O concelho perfeito ou completo, era aquelle que possuia um sistema de instituições administrativas, judicicias e militares, que lhe permitia viver dos seus recursos, em caso de quebra dos vinculos que o uniam ao poder central, sendo este o mais legitimo representante do municipio romano.

O Porto era um burgo, denominação que cabia ás povoações contiguas ás sés, paços reais e castellos, e nem sempre os burgos tinham organização municipal. Todavia tinha-o o Porto, entre outras terras e era um concelho imperfeito, dependente do Bispo e não do Rei.

Na idade media os parlamentos burguezes funcionavam nos templos, convocados pelas autoridades do concelho que presidiam a esses parlamentos, dando cada um dos seus membros o seu parecer e emitindo livremente o seu voto, sendo os votos de todos e de cada um contados trez vezes. Era assim ditada a sentença pela maioria e promulgada em nome da Assembleia. Feitas as leis municipaes, os seus autores não ficavam dispensados de lhes obedecer tambem. Havia um principio que resava assim: «A Sociedade Municipal regula-se pela concordancia das opiniões individuaes».

Esta digressão historica que estava talvez já fatigando o leitor cuja paciencia tem os seus limites como o espaço de esta revista, foi julgada necessaria para mostrar a importancia dos municipios desde a sua instituição, visto que o nosso homenageado dedicou uma grande parte da sua actividade ao municipio do Porto que administrou com todo o zelo e proficiencia.

E agora falemos mais um pouco deste illustre tripeiro que tem estado como que esquecido, que já não é sem tempo.

*
*
*

O Conselheiro Dr. Manoel de Souza Avides nasceu na freguesia de Cedofeita no anno de 1856, tendo ido de tenra idade com seus Paes para o Rio de Janeiro, a grande e hospitaleira cidade brasileira, onde se conservou até o fim da sua formatura. Tinha vinte e um annos de idade. Sentindo a nostalgia da sua patria distante, a dor do regresso segundo a etimologia da palavra que vem do grego (*nostos*, regresso e *algos*, dor) elle despede-se dos seus amigos brasileiros, estreita-os a todos num carinhoso amplexo como a que a agradecer-lhes a sua hospitalidade e no mesmo ano em que obtem o seu diploma de doutor, 1877, regressa ao Porto onde fixou a sua residencia.

Na Escola Medico-Cirurgica portuense repetiu elle os actos do seu curso de medicina para poder exercer aqui a clinica, dedicando-se á especialidade da Dermatologia (doenças da pele) em que foi competissimo. Contava numerosa clientela e desejando aperfeiçoar-se nesta especialidade, por varias vezes fez longas permanencias em Paris, Berlim e Vienna, cujos hospitães frequentou assiduamente. Em Paris frequentou no Hospital de S. Luiz a clinica do celebre dermatologista Allopeau.

Mais tarde apaixonou-se pela politica, filiando-se no partido regenerador e acompanhou sempre o seu chefe, Hintze Ribeiro, o grande orador parlamentar que succedeu a Fontes Pereira de Melo, chegando a ocupar um lugar na antiga Camara dos pares, como par do reino electivo, em 1890, e alguns annos ali se conservou.

Foi depois eleito por varias vezes deputado pelo Porto, defendendo com o maior entusiasmo os interesses da cidade e da sua acção como deputado alguns beneficios resultaram para o Porto. Entre elles convem recordar a extinção da portagem para peões na ponte D. Luiz I.

Como não podia deixar de ser, occupou a presidencia da Camara Municipal do Porto com toda a proficiencia e zelo, conforme se diz mais acima, prestando á cidade valiosos serviços. O Porto ficou-lhe devendo a importantissima obra do Saneamento e o novo quartel dos Bombeiros Municipaes, a iniciativa do novo Matadouro onde hoje se acha construido, e ainda outras obras dignas de todo o louvor e que aqui se não mencionam para não alongarmos demasiado este artigo homenagem.

Foram seus colaboradores na administração municipal Novaes da Cunha, Gonçalves de Sá, Dr. Victorino Laranjeira, Alves Bonifacio, Pompeu da Cunha Leão, Dr. Correa Pacheco, Abilio de Figueiredo, Antonio Samagão, Antonio Ramos Pinto, Antonio d'Araujo Serpa Pinto, Araujo Lima, Lima Junior e outros.

Quando em 1903 os restos mortaes do grande Almeida Garrett foram trasladados para o panteon dos Jeronimos, no dia 3 de maio, varias camaras enviaram deputações a Lisboa para acompanharem o cortejo civico. A deputação que a do Porto mandou á Capital para esse fim era composta por o Conselheiro Sousa Avides, como presidente, e os vereadores Dr. Victorino Laranjeira e Antonio Ramos Pinto. Alem destes, iam no cortejo dois empregados da Camara vestidos de seda preta, calção e meia e capa tambem de seda, que conduziam o riquissimo e historico estandarte da cidade, em damasco encarnado, bordado a ouro fino.

Mais tarde, com a mudança do regimen, abandonou a politica e deu outro rumo á sua actividade dedicando-se ao Comercio. E o medico distincto e o politico honesto fez-se um comerciante moderno, de largas vistas e dando á sua nova profissão uma orientação moderna, nobilitando uma classe que no seculo XIV contava no seu seio alguns nobres de Portugal, depois que desapareceu o preconceito de que o exercicio da profissão de comerciante era indigna da nobreza. Dirigiu varias corporações mercantis, entre ellas o Banco Aliança, respeitavel estabelecimento de credito que hora a praça do Porto.

Bondoso como era, mereceram-lhe tambem um cuidado muito especial as casas de beneficencia pelas quaes trabalhou até o fim com a maior dedicacão.

Fez parte da meza da Santa Casa da Misericordia, e como prior da Irmandade da Lapa dedicou a essa obra de Bem-

Livros e publicações

Dactilografia

por Francisco A. Mendes Póvoas

Pelo seu autor, o distincto taquígrafo do parlamento e professor do Instituto Superior de Comercio Sr. Mendes Póvoas, foi-nos gentilmente oferecido este valioso compendio que muito vem enriquecer a reduzida bibliografia que em Português existe sobre este assunto.

A parte talvez mais caracteristica deste consciencioso trabalho reside na apresentação dum plano de teclado português, particularidade esta que já ha muito ferira a nossa atenção e decerto a de muitas outras pessoas interessadas nesta materia, mas que ainda não víramos publicamente ventilada.

Os teclados com que geralmente veem apetrechadas as máquinas de escrever que os fabricantes nos fornecem não permitem, a quem em português escreve, alcançar a fantastica rapidez a que se pode chegar se os nossos dedos trabalharem sobre teclas racionalmente dispostas de harmonia com as particularidades da nossa lingua.

E' comoesinhamente intuitivo que as teclas das letras de mais frequente uso numa lingua devem estar em posição tal que possam ser batidas pelos dedos mais fortes e de mais elasticidade. Assim na nossa lingua, as letras A,R,S, T,N,E, por exemplo, devem estar em logar onde possam ser batidas pelos dedos indicadores e maximos das duas mãos. Para os dedos mais fracos devem deixar-se as teclas das letras ou dos sinais menos frequentemente empregados. Ora, nos teclados vulgares vê-se que esta condição não é, absolutamente, observada, se nos collocarmos no ponto de vista da lingua portuguesa: a letra A, por exemplo, de tão vasto uso na nossa lingua, uma das mais frequentes, se não a mais frequente do nosso alfabeto, acha-se nos teclados usuais, num ponto em que tem de ser

-Fazer uma grande parte do seu tempo e carinho. Nos ultimos anos da sua vida foi presidente da Junta Geral do Distrito, onde, como em toda a parte, prestou relevantes serviços.

De trato muito afavel e delicado, a todos atendia e prestava tanto quanto possivel auxilio, embora o procurasse uma pessoa altamente collocada ou o mais modesto funcionario.

Como mais uma prova do muito interesse que lhe merecia a classe de que fez parte, a classe medica, deixou a sua biblioteca de estudo que era importante á Faculdade de Medicina do Porto.

batida pelo fraco dedo mendinho da mão esquerda!

Sabemos agora que o proficiente autor desta obrinha se bate, de longa data, pela adopção dum teclado racionalmente adequado á lingua portuguesa, teclado este que daria ao dactilografo em português uma grande facilidade no trabalho e lhe permitiria chegar a uma rapidez de escrita que difficilmente poderá alcançar, se puder, com os teclados que possuem as máquinas que o estrangeiro nos fornece. E tristissimo é que os esforços do Sr. Mendes Povoas tenham, até agora, sido improficuos: a sua voz tem sido uma voz que clama no deserto; não tem encontrado eco nos logares em que se acha quem poderia resolver o assunto com duas penadas.

Enfim: este compendio de dactilografia que muito recomendamos aos interessados na prática da escrita á máquina, revela-nos no seu autor um professor competente, moderno, progressivo, inimigo da rotina, dotes estes pelos quais nos apaaaz publicamente saudá-lo e desejar ao seu trabalho a grande vulgarisação de que é digno.

C. Craveiro

Contabilistas e Guarda-livros

Obsequiai «A Voz do Comercio» enviando-lhe original tecnico e propagando-a, para que atinja o maior desenvolvimento possivel, que, consequentemente, ela será o vosso melhor meio de defeza e auxilio.

Aos assinantes

Rogamos o obsequio de não remeterem a esta Redacção, qualquer importancia senão com a devida segurança; isto é em vale do correio, cheque ou carta registrada.

E eis aqui o que foi o homem modesto e bom, que em Setembro de 1920 deixou de existir, o medico distincto, o commerciante empreendedor, o magistrado municipal que dirigiu por muito tempo a administração duma cidade que foi sempre ciosa das suas regalias, presidente duma camara que pugnou sempre pela liberdade e pelo progresso, aquela mesma camara que para desenvolver mais o comercio da cidade e assegurar o transitio e a tranquillidade interna, reúne expressamente no dia 25 de Agosto de 1428, em sessão provavelmente realisada sob os alpendres ou crasta segunda do mosteiro de S. Domin-

BENEFICENCIA

Uma cancerosa em estado muito grave e que vive na miseria, implora a vossa caridade.

Mora na rua FernãoMagalhães, n.º 99-2.º.

Recebem-se donativos nesta Redacção.

Transporte	94850
Anonimo, — cota de	
Novembro	10800
Cota de Dezembro	10800
	<hr/>
	114850

Informação importante

Restam poucas collecções de «A Voz do Comercio» de 1929, que vendemos pelo preço minimo de Esc. 100800 cada.

Aos assinantes que desejem mandar encadernar «A Voz do Comercio».

Estão a ser confeccionados o indice e a capa para este Quinzenario, que brevemente serão postos á venda.

INFORMAÇÃO

O Sr. Antonio Martins da Fonseca, como já se encontra muito melhor de saude, vai recommear a publicação dos seus artigos sobre escrituração para principiantes.

ROGAMOS aos assinantes que ainda não pagaram o 2.º e 3.º trimestres de assinatura, o obsequio do respectivo pagamento o mais breve possivel.

COMPRAM-SE e pagam-se bem os n.ºs 1, 2 e 3 de «A Voz do Comercio».

gos, e resolve que — por causa da pouca segurança das ruas da cidade, á noite se tangesse um sino que pudesse ter andadura de meia legua; e logo que fosse tängido, o alcaide andasse por toda a cidade e prendesse todos os individuos que encontrasse salvo os que fossem moradores n'ela ou visinhos ou extrangeiros, ficando os presos sujeitos a grandes multas.

Oxalá que o seu exemplo frutifique e que tenha muitos continuadores, porque homens como o Conselheiro Sousa Avides são sempre apreciados e uteis, seja qual for o regimen politico em que vivermos.

SECCÃO TÉCNICA

ELOGIO DOS NUMEROS

Por especial deferencia do insigne matematico Snr. **Dr. Francisco Gomes Teixeira**, «A Voz do Comercio» tem a grandissima satisfação e a subida honra, que profundamente a penhorou e muito agradece, de publicar o seguinte sublime artigo.

O poder dos Matemáticos é uma consequência do papel essencial que os números representam no Universo.

A este respeito disse na antiguidade Salomão, que Deus fez o Mundo por conta, pêso e medida. Este pensamento do célebre Rei-filosofo não é só applicável à idêa que então se fazia do Mundo, é ainda applicável à concepção mais larga que dêle faz a sciência actual. Como consequência, vê-se que, para o estudar, é necessário constituir três sciências: a Aritmética, para contar; a Geometria, para medir; e a Mecânica, para pezar.

Mas a base da Geometria é o segmento da recta, e este representa-se por um número; a Geometria é pois uma verdadeira Aritmética; é a Aritmética da extensão, a que Descartes deu uma forma regular, criando a Geometria analitica.

Em Mecânica, exprimem-se por números o tempo, as fôrças, as massas, as velocidades e as accelerações; e a Mecânica é por isso também uma verdadeira Aritmética: é a Aritmética do movimento, a que Lagrange deu uma forma filosófica perfeita na sua Mecânica analitica.

Abstraindo pois das considerações matematicas que o envolvem, é bem profundo o conceito expresso pelos filósofos da antiga Grécia, quando diziam que os números são as regras dos seres e que a Matematica é o regulamento do Mundo.

Os números representam, com efeito, um papel essencial em tôdas as sciências, em todas as artes e em quasi todos os actos da vida social.

Para qualquer lado que voltemos a nossa atenção encontramos-os a regular tudo, a intervir em tudo, a dominar tudo.

Por meio dos números transformou-se a antiga Astrologia dos magos da Caldeia e dos sacerdotes da China e de Egipto na Astronomia dos Helenos; depois, de vôo em vôo, subiu-se nesta sciência aos Sistemas geométricos de Copérnico e Kepler, applicáveis aos Planetas; e dêste último elevou-se Newton em amplo vôo ao seu maravilhoso Sistema mecânico, que abraça o Universo inteiro.

Por meio dêste Sistema, poderam Lagrange, Laplace e outros géometras illustres determinar, empregando os symbolos luminosos das Matematicas, tôdas as circunstâncias notáveis dos movimentos planetários, por meio da análise mais sublime e dos métodos mais subteis.

Por meio do mesmo Sistema, pôde Leverrier, substituindo a pena ao telescópio, descobrir o planeta Neptuno, por meio das perturbações que produz no movimento de Urano, e pôde Bessel, de modo análogo, determinar a companheira, durante muito tempo misteriosa, de Sírío, a mais brilhante das Estrelas que scintilam no Céu.

Na Fisica, medem-se todos os fenómenos; são relações numéricas quasi tôdas as leis; são teorias matematicas quasi tôdas as doutrinas.

Representar os fenómenos no Mundo das Matematicas, para tirar proveito da fôrça poderosa destas sciencias, tem sido sempre a aspiração mais viva dos sábios que se têm occupado da Fisica.

Conseguiram-no brilhantemente em numerosos assuntos relativos a todos os seus ramos.

Entraram no dominio das Matematicas a teoria da elasticidade dos sólidos e dos fluidos, a teoria do som, a teoria da capillaridade, a teoria mecânica do calor, as teorias dos movimentos da electricidade e da luz, a teoria do equilibrio eléctrico, etc.

Na Meteorologia representam também os números um papel essencial. Parte água da Terra no estado de vapor, eleva-se na atmosfera e ali ora sobe, ora desce, ora paira, ora aquece, ora arrefece, torna-se liquida, gela, reflecte ou refracta a luz, electriza-se, forma nuvens e enfim volta à Terra, transformada em gotas de chuva, flocos de neve, grãos de granizo ou pedras de saraiva. Ora, tôda esta peregrinação da água pelo ar é regulada por leis numericas, que intervem nas suas subidas e descidas, nos fenómenos calóricos, eléctricos e luminosos que nela se dão e enfim na sua queda na Terra.

O poder das Matematicas na sua applicação à Fisica faz-se ainda sentir de um modo mais brilhante na relação de alguns dos ramos desta sciência.

Assim, por meio dos números, relacionou-se a teoria do som com a teoria da elasticidade dos sólidos e dos fluidos.

Mais tarde, géometras e fisicos eminentes, subindo mais alto, ligaram a teoria da electricidade a do magnetismo, depois a teoria do magnetismo a da luz e enfim à teoria da luz a da gravitação; e agora, fundindo tôdas estas sínteses parciais em uma síntese geral, está a sciencia do nosso tempo a construir uma Geometria do Universo, que encanta pelo engenho e assombra pela grandeza.

Para conseguir isto, o génio de Einstein, uma glória do nosso tempo, enriqueceu as Matematicas com uma nova Mecânica, cheia de belezas, da qual a Mecânica clássica é um caso limite, e sábios eminentes estão explorando novas regiões nos vastos dominios da Análise matematica e da Geometria.

Não é facil prever qual será a sorte da nova Mecânica, que poderá bem ser uma vaga revolucionária que passe. Mas, se esta um dia se tornar clássica, a Mecânica actual, a Mecânica de Galileu e Newton, há de continuar de certo a iluminar as sciencias fisicas, como vestibulo sumptuoso da Mecânica da Relatividade.

(Continua)

Do meu livro: Panegiricos e Conferencias.

F. Gomes Teixeira

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS PARTIDAS DOBRADAS

(Continuação)

Quanto ao *liber patrimonium*, esse era o registro dos inventarios.

Confiava-se o serviço da escrituração ao *ratiocinator*, guarda livros, e ao *logografus*, calculador,—reputados ambos em grande estima, e só com o decaír da fortuna romana decaíram eles. Este conjunto de livros, funcionando regularmente, denota um grande progresso na escrituração romana,—mas não nos autoriza a dizer que metodo era empregado na redacção dos mesmos.

Ha quem veja nos livros citados os instrumentos de que se serviram os romanos para applicação das partidas dobradas. Ora, o metodo das partidas dobradas exige a creação de tres series de contas: contas dos valores materiais, contas dos correspondentes e contas do proprietario do patrimonio administrado. As duas primeiras series são classificadas por alguns auctores numa só, denominada serie das contas integrais do patrimonio, e a ultima tem, então, o nome de serie das contas diferenciais.

Que os romanos tiveram as duas primeiras series de contas ninguém duvida. Sem elas como poderiam eles conhecer a situação especifica do patrimonio, isto é, os elementos componentes das suas fortunas? Mas a terceira, isto é, a serie das contas diferenciais, a qual compreende a conta do capital ou patrimonio liquido e as contas modificativas desse mesmo capital? Ninguém, nomeando titulos ou contas que então se empregavam, mencionou jámais o nome de uma conta economica ou diferencial empregada pelos romanos.

Em 1820 descobriu **Niebuhr**, no Vaticano, alguns fragmentos de uma oração de **Cicero** pronunciada em defeza de **Fonteio**, questor acusado de peculato. Comentando esses periodos do sumo orador, **Niebuhr** assim se exprime:

—«Quem conhece o modo de escriturar a que nós alemães chamamos italiano, e os transalpinos por partidas dobradas, terá visto já que era esse por certo o metodo empregado pelos banqueiros e negociantes.

O que parece é que esse metodo não foi inventado, como dizem, ha setecentos ou oitocentos anos apenas, mas existe na Italia desde os mais remotos tempos romanos». E logo em seguida:

—«Grande força tem este lance como prova do que afirmo, isto é, que as *tabule* dos romanos eram da mesma natureza daquelas as que os alemães chamam italianas».

A critica esclarecida, porém, ha muito destruiu esta asserção do famoso historiador alemão. Nenhuma prova cabal existe de que os registros dos romanos apresentassem o que nós hoje chamamos balanço das contas, isto é, a igualdade entre a soma de todos os

debitos e a soma de todos os creditos,—princípio fundamental do metodo das partidas dobradas nascido do facto de que não pode surgir um debito sem que surja contemporaneamente um credito equivalente, não pode nascer um direito avaliado sem que apareça ao mesmo tempo uma igual obrigação.

Quando não bastasse a fraqueza dos argumentos de **Niebuhr**, tinhamos ahi, para magistralmente rebater as suas palavras, a obra ponderosa de **Giovanni Rossi**.—*La computisteria dei romani*—edição de 1906.—Roma, em que o ilustre professor, com serias e fundadas razões, impugna a possibilidade de haverem os romanos conhecido as partidas dobradas.

Bariola, ao contrario, propende a aceitar a opinião de que tal metodo era já praticado por aquele rotulo e aspero povo. Incontroverso nada existe. Conhecemos apenas os instrumentos ou registros de que se serviam os romanos para a escrituração de suas contas, sem podermos, ao certo, dizer qual o metodo empregado. (1)

Giovanni Massa, falando da origem e desenvolvimento das partidas dobradas, assim se exprime:

—«Da queda do imperio romano até meados do seculo XIV nenhum conhecimento exacto se tem das organizações dos livros e das contas. Em 1345, ano memoravel pela quebra dos banqueiros florentinos, as casas **Peruzzi e Alberti**, as mais reputadas do comercio bancario, não registravam as suas operações de acôrdo com nenhum metodo. Isto, porem, não quer dizer que em outros logares se deixasse de praticar a escrituração, no transcurso de tempo que vem do seculo XI até aos fins do seculo XIV, observando-se os metodos de escrituração simples, os quais modificados a pouco e pouco, afim de melhor corresponder ás necessidades da administração, deram origem ás partidas dobradas, que vemos adoptadas na segunda metade do seculo XV. As primeiras applicações deste metodo foram feitas certamente na Italia. Que cidades o empregaram primeiro não se sabe ao certo, sendo provavel que tivesse sido applicado não em uma só cidade, mas em muitas ao mesmo tempo, posto que os velhos escritores lhe chamem todos metodo veneziano».

(Continua)

Carlos de Carvalho.

(1) A lei Valeria bonificava aos devedores tres quartos dos seus debitos. Fonteio, para demonstrar os pagamentos e os recebimentos bonificados, instituiu, a exemplo de Irtuleio, que tambem fôra questor, duas taboas: *quadrantaria*, no qual registrava o quarto pago ou recebido, e a *dođrantaria*, em que anotava os tres quartos ganhos ou perdidos. A oração de **Cicero**, em que se alude a Fonteio, foi traduzida em italiano pelo abade Temmasini (1853). Não ha vestigio das partidas dobradas nas contas organisadas por Fonteio.

Nos países onde se sabe menos do Comércio, é opinião geral que basta ter dinheiro para conseguir utilidade nos negocios. Quem quer dum dia para o outro se faz e se chama homem de negocio. — mas que succede? Caminhando sem guia, sem direcção, e nas trevas da desordem, de cem apenas um que procede honradamente é bem sucedido.

Cabral de Mendonça.

Adquiri o hábito de sentir orgulho no que fazeis.

Considerai-vos como mestres da vossa especialidade.

Não vos contenteis em ser operários; Sêde tambem artistas.

A ORDEM DAS CONTAS NO RAZÃO

Muitos guarda-livros utilizam ainda hoje como ordem de classificação das contas no «Razão», a ordem alfabética.

Esta classificação, não sendo muito racional, dificulta no entanto o estabelecimento do balanço, que deve ser organizado apresentando as contas sob uma forma metódica que lhe dê a clareza e facilidade de leitura precisas.

Os balancetes de verificação mensal, devem também, além do Balanço, apresentar a mesma forma clara e de fácil leitura, pois que, sendo um ótimo meio de informação sobre o andamento dos negócios para o chefe da casa, oferecem-lhe, quando a disposição das contas obedece a uma ordem de classificação racional, uma fácil leitura e rápido exame da situação da empresa.

O Balanço, deve obedecer a determinadas condições, de que noutro artigo falaremos, para ser claro e de fácil exame.

Para se escriturar um Balanço sujeito a essas condições, é preciso classificar primeiro, metódicamente, as contas que compõem o Activo e o Passivo.

A abertura das contas no Razão, deve pois obedecer a essa classificação para facilitar o estabelecimento dos balancetes mensais e do Balanço.

Só um livro de folhas moveis pode conservar esta classificação, pois é preciso vêr que em livros encadernados, essa classificação, que poderá ser possível a princípio, ficará alterada passado tempo, com as contas que do activo, passem a fazer parte do passivo e vice-versa, e ainda, a abertura de outras que por falta de logar, ficarão fóra da ordem de classificação.

Estejam no entanto indicados para manter essa

classificação escolhida, os livros de folhas moveis; servirão também os encadernados, se se tiver o maior cuidado na ordem das contas, cingindo-se o mais possível à classificação estabelecida e reservando varias folhas ás diferentes contas, segundo o seu provável movimento, e deixando folhas em branco a seguir a cada grupo de contas, prevendo a necessidade de abrir outras.

A classificação metódica de que vimos falando, é feita por grupos de contas, da mesma natureza sob uma rubrica geral que as caracteriza.

Assim, qualquer das duas classificações que abaixo apresentamos, pode ser a escolhida, dispondo no Razão as contas pela ordem nele indicadas.

- 1.º—Contas de capital e de resultados;
- 2.º—Imobilizações e depositos de garantia;
- 3.º—Contas de ordem e de regularisação;
- 4.º—Valores comerciais;
- 5.º—Contas pessoais e especiais;
- 6.º—Contas de devedores e credores diversos;
- 7.º—Contas de clientes, fornecedores e banqueiros.

Ou:

- 1.º—Contas de capital e resultados;
- 2.º—Reservas;
- 3.º—Imobilizações;
- 4.º—Amortisações;
- 5.º—Valores a realizar;
- 6.º—Exigibilidades a prazo;
- 7.º—Disponibilidades;
- 8.º—Exigibilidades imediatas;
- 9.º—Contas de ordem e de regularisação.

A. P.

CASAS COM SUCURSAIS

Segundo caso

No capitulo anterior tratámos do caso em que as sucursais têm escrituração regular e, portanto, a casa central não escritura as operações realizadas por ela. A matriz limita-se a escriturar os valores que remete ás suas sucursais ou que delas recebe,—isto é, considera-as como meros correspondentes. Debita-as pelos valores que lhes remete e pelos lucros verificados por ocasião do balanço,—ou credita-as pelos valores que delas recebe e pelo prejuizo verificado no fim do exercicio. Examinemos agora o caso em que as sucursais não têm escrituração regular,—e, pois, todas as operações são escrituradas pela matriz. Um dos modos de proceder é este:

1.º—A matriz, em jogos de livros diferentes, escritura as operações das sucursais e as suas proprias operações. Se forem duas as sucursais, a sucursal **A** e a sucursal **B**, por exemplo, haverá três jogos de livros: um para a sucursal **A**, um para a sucursal **B** e um para a matriz;

2.º—Num jogo de livros, em separado, se reúnem as operações todas,—tanto as das sucursais, como as da matriz.

Neste jogo de livros abrem-se as diversas contas de acôrdo com a natureza das transacções, como se se tratasse de uma só casa:

Caixa, Mercadorias Gerais. Letras a Receber

No registro das diversas operações deve-se supôr sempre que se trata de um só estabelecimento.

Se o negocio é feito por uma das sucursais, registra-se a operação como se fora feita pela propria central, debitando-se a pessoa que recebe o valor pelo credito de quem o fornece.

Se se trata da passagem de valores de uma casa para outra, debita-se e credita-se ao mesmo tempo a conta representativa dos valores expedidos.

Assim, se a sucursal de Santos expede à de Campinas mercadorias na importancia de 5:000\$00, por exemplo, o lançamento da central é este:

Mercadorias a Mercadorias

Expedidas pela n/ sucursal de Santos à de Campinas, s/ aviso de 12 do corrente 5:000\$00.

Se a sucursal de Santos tem a receber de Luiz de Azevedo a soma de 10:000\$00 e este credito é transferido para a matriz, esta escritura:

Contas Correntes a Contas Correntes

Passagem para esta central do debito de Luiz de Azevedo à sucursal de Santos 10:000\$00.

E' evidente que se devem pôr em evidencia todas as operações feitas pelas filiais.

Recebida, portanto, a demonstração das transacções, que cada filial remeterá periodicamente, deve-se examinar, primeiramente, a parte que em virtude de aviso já se acha escriturada, e, depois,

reunem-se as demais em grupos da mesma natureza, como: vendas, compras, pagamentos.

Suponhamos que a filial de Campinas remete á central a seguinte demonstração das operações de uma dada semana:

1.º—Pagamento de despesas	200\$00
2.º—Vendido a prazo mediante uma Letra a 90 dias	4.000\$00
3.º—Pago á casa central	3.000\$00
4.º—Remetido à sucursal de Santos em mercadorias	2.000\$00
5.º—Vendido a prazo, em conta corrente	800\$00
6.º—Vendido a dinheiro	1.300\$00
7.º—Recebido de um devedor em conta corrente	500\$00
8.º—Regularisação de uma despesa vencida, creditando-a uma correspondente	600\$00
Verifica-se que as operações 3 e 4, antecedente-	

mente avisadas, já se acham registradas, e, pois, são excluídas dos lançamentos que se vão fazer.

Classificando-se as demais operações, tem-se:

Despesas	{	Pagas	200\$00	
		Creditadas a um correntista	600\$00	800\$00
Vendas	{	A dinheiro	1.300\$00	
		A prazo em conta corrente	800\$00	
		Por meio de Letra	4.000\$00	6.100\$00
Recebimentos de Crédito	{	Recebido de um devedor em conta corrente	500\$00	

(Continua)

Carlos de Carvalho.

DA CONTA EM PARTICIPAÇÃO

(Continuação)

Nos livros de Reis, este contabilisaria aquelas operações da seguinte forma:

Vinhos de c/a 1/2 c/ Antunes a Antunes	
s/ compra a Ferreira & C.*	50:000\$00
<hr/>	
Vinhos de c/a 1/2 c/ Antunes a Antunes	
s/ pagamento de despesas, fretes, etc.	2:500\$00
<hr/>	
Caixa	
Vinhos de c/a 1/2 c/ Antunes	
m/ venda a dinheiro.	40:000\$00
<hr/>	
Letras a Receber	
ainhos de c/a 1/2 c/ Antunes	
m/ venda contra letra, a Pinho, L.da	28:000\$00
<hr/>	
Vinhos de c/a 1/2 c/ Antunes a Caixa	
m/ pagamento de despesas e carretos, etc.	640\$00
<hr/>	
Vinhos de c/a 1/2 c/ Antunes a Caixa	
s/ compra de vinho.	20:000\$00
<hr/>	
Vinhos de c/a 1/2 c/ Antunes a Caixa	
m/ pagamento de despesas	840\$00

Antunes	
Vinhos de c/a 1/2 c/ Antunes	
s/ venda a dinheiro.	8:900\$00
a Freitas, L.da, c/ letra.	18:500\$00
<hr/>	
Vinhos de c/a 1/2 c/ Antunes a Antunes	
s/ comissão 1/2% s/ s/ vendas	137\$50
<hr/>	
Vinhos de c/a 1/2 c/ Antunes a Perdas e Lucros	
m/ comissão 1/2% s/ m/ vendas	340\$00
<hr/>	
Vinhos de c/a 1/2 c/ Antunes a Antunes	
s/ parte nos lucros	10:311\$50
<hr/>	
Vinhos de c/a 1/2 c/ Antunes a Perdas e Lucros	
m/ parte nos lucros.	10:311\$50
<hr/>	
Antunes a Letras a Pagar	
m/ aceite para liquidação de contas	35:868\$50
<hr/>	
(Continua)	A. Prista Tiago.

Muito grande parte das quebras procedem da falta de escrituração. A menor e a mais util despesa que faz um negociante qualquer, é a que consome numa exacta, regular e assidua escrituração.

J. Ferreira Borges. Dic. Juridico Comercial.

O VINHO DO PORTO E AS PESCARIAS

(Continuação)

Quão diferentes eram os sentimentos exteriorizados pelo povo inglês; como as suas aspirações iam mais além; como a sua politica era mais decidida! As ideias theoreticas da escola franceza, no que diz respeito aos direitos do homem, não foram tomadas em consideração pelos ingleses quando elles, a principio, protestaram contra a usurpação dos seus direitos civis levada a effeito pelo rei João; era uma coisa mais solida do que uma theoria,—porque não a acompanhava a effusão de sangue; era um fim pratico para as cogitações de um povo eminentemente pratico. Elle não queria mais nada do que os seus direitos,—elle queria dar a Cesar o que lhe pertencia, mas mais não. E desde aquelle tempo até o reinado de Carlos I; elle foi, como ainda é, cioso des seus direitos e privilegios.

Refiro-me a este periodo, porque elle conduz-me ao Protectorado de Oliver Cromwell (3), sob cujo governo o primeiro consul britânico foi nomeado para o Porto, e foi elle Thomaz Maynard, tendo sido nomeado vice-consul seu irmão Gualter, que n'esta cidade residia. Já vimos que em 1578 os portuguezes tinham cincoenta navios empregados na pesca na Terra Nova, enquanto que a Inglaterra apenas tinha trinta. Os portuguezes tinham tudo a seu favor para a cura do peixe, isto é, o seu sal, ainda hoje considerado o melhor para o fim em vista. Mas gradualmente perdendo o commercio, não por quaesquer maiores facilidades offerecidas aos pescadores ingleses, mas porque nós os ultrapassamos na cura do peixe, em que elles haviam sido superiores.

O proprio consumidor portuguez depressa reconheceu este facto, tanto mais que pagava o bacalhau inglês, ou de cura inglesa, por mais dez reis em cada arratel do que o bacalhau portuguez. Este commercio, que estava d'antes exclusivamente nas suas mãos, está agora nas mãos dos ingleses, noruegueses e suecos.

Os pescadores de Espinho, Ovar e Aveiro descendem, sem duvida, dos antigos phenicios. O seu vestuario e os seus barcos são diferentes d'aquelles que se usam no resto do paiz, sendo os barcos semelhantes a grandes canoas com uma prôa alta, em forma de meia lua.

Os pescadores de Aveiro são os descendentes dos marinheiros de Portugal que primeiro pescaram e commerciarão nas nossas costas. Mais para o Norte, entre o Porto e Vianna do Castello, encontra-se uma casta de pescadores completamente diferente, muitos com todas as feições caracteristicas dos godos. Em alguns dos portos intermediarios, como, por exemplo, Fão, Espozende e Villa do Conde, os barcos de pesca são raramente todos pintados, e n'elles podem ver-se signaes mysticos e symbolos muito semelhantes aos da Franco-Maçonaria. Nunca consegui saber a origem ou significação d'estes signaes; são provavelmente usados com amuleto contra os espiritos maus, etc.

Foi, contudo, de Vianna do Castello que se fizeram os primeiros embarques de vinhos tintos de Portugal, existindo uma companhia em Monção para regular a exportação. Os Vinhos de Monção e Vianna são, quando judiciosamente tratados, muito semelhantes aos de Borgonha. Eu paguei uma vez por um

quarto de garrafa de vinho espumoso de Borgonha sete shillings, que não era tão bom como um que bebi em Vianna pela mesma quantidade de pence. As condições em que este vinho é produzido, são muito differentes das que prevalecem no alto Alto Douro. Acolá, a composição do terreno não é a mesma, e um ponto importante é que a constituição geologica é tão differente da de Traz-os-Montes como as terras proprias para pastagens de Inglaterra são differentes dos arenosos plainos do Sahará. Ora, o cultivo do vinho nas duas regiões difere materialmente, assim como a sua fabricação. O alto Douro é essencialmente e quasi absolutamente uma região productora de vinho. Se os seus vinhedos desaparecessem, aquelles elevados montes teriam de ficar escalvados. A parte norte da provincia do Minho é uma região productora de cereais, e a vinha é apenas um auxiliar da principal fonte de receita do lavrador.

Antes de 1678 os vinhos tintos do norte de Portugal eram embarcados, como já disse, pela barra de Vianna do Castello, e até cerca de 1730 consideraveis quantidades foram ainda embarcadas por lá. Deve frisar-se que n'aquelle tempo os carregadores britannicos não tinham transposto o Douro para comprar vinhos, mas os lavradores vinham ao Porto offerecel-os aos nossos compatriotas aqui residentes, os quaes representavam negociantes da Inglaterra e Escocia. Estes representantes ou feitores estabeleceram-se primeiramente em Monção, nas margens do rio Minho, e como elles compravam na região os vinhos, isso dava-lhes direito a classificarem-nos como vinhos de feitoria. Com respeito a este importante ramo de commercio,

devemos lembrar-nos que o vinho tinto de Portugal entrou mais em voga em Inglaterra por causa do celebre tratado de Methuen, que foi assinado a 27 de Dezembro de 1703.

John Methuen foi mandado a Lisboa pelo ministro do partido *Whig* (partido popular ou da liberdade em Inglaterra) com plenos poderes para negociar com Portugal um tratado politico e commercial. Em obediencia a este tratado, os vinhos portuguezes eram importados em Inglaterra mediante o pagamento d'um direito mais baixo do que aquelle que pagavam os vinhos importados da França e da Allemanha. E os portuguezes em troca d'este tratamento de favor, comprometeram-se a comprar-nos os nossos produtos manufacturados. Desde esse tempo, o vinho do Porto tornou-se uma bebida favorita na Inglaterra, e o negocio no Porto e em Vianna desenvolveu-se muito consideravelmente. Estes feitores ingleses não commerciarão apenas em vinhos, principalmente desde que o tratado entrou em vigor. Em muitas facturas antigas pude encontrar referencias a fardos de manufacturas de algodão, e, de facto, o commercio de exportação de vinhos, tal qual é agora exercido, não tem qualquer semelhança com o que se fazia ha duzentos annos.

Os feitores carregavam uma comissão sobre as suas contas de venda e outras sobre as suas facturas de vinho embarcado. Recebiam ordem para comprar uma determinada quantidade de pipas de vinho do Douro ou de Vianna até um certo preço, o que elles

O diploma escolar ou academico prova capacidade teorica; mas essa capacidade não basta para exercer com eficiencia a profissão contabil e inspirar confiança, pela delicadeza de suas funções, aos administradores e proprietarios.

O guarda-livros e o contabilista devem possuir a doutrina, mas tambem a pratica, e ainda mais a indispensavel probidade profissional.

se esforçavam por executar o melhor que podiam, e depois sacavam pela importancia da factura por intermedio dos ubiquos e serviços banqueiros judeus. O custo das aduellas, arcos de ferro, etc., eram mencionados n'estas facturas e as pipas eram feitas pelos tanoeiros ingleses que ensinavam os portuguezes a levantal-as.

Mas, antes d'estes feitores se estabelecerem no Norte de Portugal, os navios que faziam viagens entre a Inglaterra e as suas possessões na America do Norte costumavam tocar em Vianna, no seu regresso, e os agentes commerciaes que eram empregados viajantes de importantes firmas possuidores de muitos navios e grandes fazendas na America, trocavam um negro por uma pipa ou duas de vinho, e foi como recordação d'isto que estes escravos ficaram em poder dos negociantes ingleses que viviam no Porto e em Vianna. Constatei este facto pelas suas certidões de paptismo e casamento que tenho em meu poder. Muitos d'estes agentes commerciaes parece terem se tornado eventualmente em feitores e começaram a fazer embarques directos para os seus representados. Foram

exportados de Vianna do Castello alguns vinhos proprios para serem engarrafados, mas supponho que o vinho verde era principalmente embarcado d'alli. Destas grandes quantidades foram fornecidas aos commissarios navaes ingleses para beberagem dos marinheiros. E nos documentos do governo, de 10 de Fevereiro de 1662, aparece o seguinte assento:

• *Consul Maynard ao Commissario Naval*—Remetteu os conhecimentos dos vinhos de beberagem para a Armada. Pede uma ordem para vender os restantes vinhos que estão deteriorados.

(Continua)

Braz Porto

(3) Cromwell foi o chefe da revolução inglesa que fez subir ao cadafalso Carlos I. Após a morte d'este rei, foi proclamada a republica inglesa e Cromwell fez-se aclamar seu protector, em 1653. Apezar de ter perseguido o infeliz monarca, o lord protector pôde aureolar o seu nome d'uma justificada sympathia, porquanto manteve com energia a ordem publica, conseguiu estabelecer o respeito á autoridade e a riqueza nacional, sob o seu governo, cresceu consideravelmente. Após a sua morte (1658), atearam-se de novo as lutas dos partidos, o que deu como consequencia a anarquia do paiz, á qual pôs termo a intervenção energica do general Monk. (Nota do trad.)

PROBLEMAS

Esta secção é destinada a probelmas de escrituração e aritmetica comercial para os leitores que os queiram apresentar ou resolver.

Outra solução do n.º 1

Encerramento no Diario da firma Carlos d'Almeida & Cta.

EMPRESA DE TECELAGEM FARENSE
ALMEIDA & C.^a . . . 518.650\$00

a DIVERSOS

Pelo trespasso dos seguintes valores do nosso activo, conforme as condições estipuladas nas notas do notario Dr. Candido Guerreiro em 30 de Abril p. p.

a MOVEIS E UTENSILIOS	8.000\$00	
a TEARES E ACESSORIOS	40.000\$00	
a MATERIAS PRIMAS	190.000\$00	
a PRODUCTOS FABRICADOS	103.500\$00	
a COMPRADORES	81.850\$00	
a DEVEDORES DIVERSOS	82.300\$00	
a CAIXA	<u>13.000\$00</u>	518 650.00

DIVERSOS 458.650\$00

a EMPRESA DE TECELAGEM FARENSE
ALMEIDA & C.^a

Pelos valores do nosso passivo que ficam a seu cargo, segundo a escriptura lavrada nas notas do notario, Dr. Candido Guerreiro em 30 de Abril p. p.

LETRAS A PAGAR	20.000\$00	
FORNECEDORES	363.500\$00	
CREDORES DIVERSOS	<u>75.150\$00</u>	458.650\$00

ACÇÕES 60.000\$00

a EMPRESA DE TECELAGEM PARENSE
ALMEIDA & C.^a

s/ Entrega de 600 acções da valor nominal de de 100\$00 cada para liquidação do nosso activo liquido 60.000\$00

DIVERSOS 60.000\$00

a ACÇÕES

Pela distribuição das seguintes acções da Empresa de Tecelagem Farense Almeida & C.^a para liquidação das s/ c. capital

CARLOS D'ALMEIDA s/ c. capital		
100 acções a Esc. 100\$00 cada	10.000\$00	
PEDRO MARQUES s/ c. capital em com. ^{ta}		
500 acções de Esc. 100\$00 cada	50.000\$00	60.000\$00

Abertura no Diario da Empresa de Tecelagem Farense Almeida & C.^a

ACÇÕES 50.00. \$00

a CAPITAL

Pela importancia de 5000 acções do valor nominal de 100\$00 cada uma que constituem o capital com que se estabelece a sociedade dominada— Empresa de Tecelagem Farense Almeida & C.^a em

MAQUINAS E TABELAS

De ha muito venho observando, com justificado espanto, que muitos empregados das chamadas Grandes Empresas (Bancos e Companhias), multiplicam e dividem, muito desastrosamente, apesar de possuirem muito e muitos anos de pratica.

Porque motivo ?

As maquinas de calcular de incontestavel valor, fazem hoje parte integrante dos utensilios das grandes Empresas, de tal modo que os empregados poucas ou nenhuma contas são forçados a fazer á mão.

Está tudo muito certo, mas os empregados não devem esquecer-se que, motivos extranhos á sua vontade, podem, num futuro talvez proximo, obriga-los a deixar o seu actual emprego, forçando-os a procurar outra colocação.

E o que sucederá se a casa onde conseguirem colocar-se não tiver acompanhado o progresso, não possuindo a tão indispensavel e quasi inseparavel maquina calculadora ?

Não tenho duvida em afirmar que não farão boa figura ao lado do mais humilde praticante !

Um verdadeiro desastre. não concordam ?

Tambem não nego a vantagem do emprego de tabelas, antes pelo contrario, as recomendo.

Sucedem, muitas vezes, em reuniões familiares, cafés, etc. perguntar-se a um empregado das tais Grandes Empresas, o contravalor dum certo numero de Libras, o juro dum determinado capital, etc. etc ; mas, o empregado não tem a maquina, faltam-lhe as tabelas... mete os pés pelas mãos, e se não tem o expediente falivel... de se arvorar em homem esperto, dizendo um resultado mais ou menos aproximado, expediente que pega se as pessoas presentes desconhecem por completo estes assuntos; mas outras vezes não pega, faz pois uma tristissima figura que muito o prejudicará.

Não será conveniente fazerem-se umas continhas á mão e ter sempre bem presente certos principios praticos ou teoricos, como lhe queiram chamar, que os livrem de certas rascadas?

Funchal, Dezembro de 1929.

a) *Carlos José Guerra.*

Comandita por Acções—, conforme a escriptura lavrada n'esta data nas notas do notario Dr. Candido Guerreiro	50.000\$00
»	
DIVERSOS.	500.000\$00
a ACÇÕES	
Pelo seguinte:	
ALMEIDA & C. ^a	
Por 600 acções liberadas que receberam em re- presentação do tres- passe do activo e pas- sivo da firma em comandita simples Car- los d'Almeida & Cta..	60.000\$00
COMANDITARIOS	
Pelo valor de 4400 acções no valor nominal de 100\$00 cada, integral- mente subscriptas, con- forme o respectivo re- gisto	440.000\$00 500.000\$00
»	
DIVERSOS.	518.650\$00
a ALMEIDA & C. ^a	
Pelos seguintes valores, que constituam o activo da firma Almeida & Cta. e que nos ficam pertencendo	

MOVEIS E UTENSILIOS	8.000\$00	
TEARES E ACESSO- RIOS	40.000\$00	
MATERIAS PRIMAS	190.000\$00	
PRODUCTOS FABRI- CADOS	103.500\$00	
COMPRADORES	81.850\$00	
DEVEDORES DIVER- SOS	82.300\$00	
CAIXA	13.000\$00	518.650\$00
»		
ALMEIDA & C. ^a	458.650\$00	
a DIVERSOS		
Pelo passivo da firma Almeida & Cta. fi- cou a nosso cargo, a saber:		
a LETRAS A PAGAR	20.000\$00	
a FORNECEDORES	363.500\$00	
a CREDORES DIVER- SOS	75.150\$00	458.650\$00
»		
CAIXA	440 000\$00	
a COMANDITARIOS		
Pelo pagamento de 4400 acções com que se subs- creveram		440.000\$00
»		

Candido Lacombe Raposo

QUESTÕES JURIDICAS

Do facto de crédores, que aceitaram uma concordata, serem nela interessados e nela terem responsabilidade, não podé concluir-se que é essencial o exame na escrita de alguns dos aceitantes para prova dos embargos á concordata, baseados em que nela figuram como crédores, sem o serem, ou com créditos superiores aos verdadeiros.

Ac. do Sup. Tribunal de Justiça—de 19 de Julho de 1929—no ag. com. n.º 45235 (Pôrto) Agravante, a firma Mauricio, Macedo & Faustino; agravado, Francisco Silva.

Acordam no Sup. Trib. de Just. A' concordata apresentada em juizo por Francisco Silva, negociante da cidade de Braga, deduziu embargos a firma Mauricio, Macedo & Faustino, da cidade do Porto, alegando que na concordata figuravam como crédores, uma firma e vários individuos que o não eram, e que a outros crédores eram atribuidos créditos muito superiores aos na realidade existente, havendo crédores não relacionados.

Requeru exame na escrita de vários crédores, que aceitaram a proposta da concordata embargada.

O requerimento foi indeferido por despacho, confirmado pelo acórdão, de que, em tempo e competentemente, vem interposto o presente agravo, por parte da firma embargante.

Alega a embargante que para prova da matéria dos embargos eram essenciais os exames requeridos, e que estes são permitidos pelo disposto no art. 43 do Cód. Com., visto que os crédores, sôbre cuja escri-

turação teriam de recair, são interessados e têm responsabilidade na questão, por fôrça do disposto no art. 312 do Cód. de Proc. Com., com a alteração do Dec. n.º 15725, de 10 de Julho de 1928.

O que visto e ponderado: Não há duvida que os crédores, que aceitaram a proposta da concordata, são interessados e com responsabilidade na mesma concordata. Mas daí não pode concluir-se que seja essencial o exame na sua escrituração comercial para prova dos fundamentos dos embargos á concordata.

Essa prova deveria deduzir-se do exame da escrita do concordatário, tanto mais que essa escrita não é arguida de deficiencia ou falsidade, sem necessidade de se protelar o andamento do processo com tantos exames quantos os crédores, a que os embargos se referem.

Com preterição dêsses exames e em face da demais prova dos autos deu-se o juri por habilitado a julgar os factos alegados, com o fundamento dos embargos, tendo sido estes julgados improcedentes, como consta da certidão de fl.

Negam, porisso, provimento ao agravo, com custas pelo agravante.

Lisboa, 19 de Julho de 1929—T. Pinto.—Castro e Sola—A. Campos.

Nota. Embora o acórdão entendesse que, no caso, não era de deferir o exame á escrita, com fundamento, que nos parece muito valioso, o que interessa é ter o reconhecido que tal exame, em geral, podia ser deferido em face do disposto no art. 43 do Cód. Com.

Da Gazeta da Relação de Lisboa
n.º 15 de 1 de Dezembro de 1929.

A PRIMEIRA AULA DE COMERCIO EM PORTUGAL

Necessidade da criação duma Aula de Comercio — Creação da primeira aula de comercio — modificações da mesma

A digrafia era ainda em meados do século XVIII muito pouco conhecida em Portugal.

Apenas 3 firmas: Bandeira & Bacigalupo, Bom & Ferreira e Emeretz & Brito cujo comercio era feito para fóra do Paiz e colonias, conheciam a escrituração por partidas dobradas, por delas fazerem parte estrangeiros que haviam recebido a s/ educação comercial lá fóra.

Era grande o nosso atrazo na sciencia das contas pois que 360 anos eram passados sobre o aparecimento do tratado de escrituração por partidas dobradas e, segundo dizia em 1846 um professor da academia Polytechnica, era tão raro entre nós quem soubesse partidas dobradas que, quando se estabeleceu a C.^a Geral do Alto Douro, foi preciso mandar vir de Italia um guarda-livros.

A C.^a Geral do Alto Douro foi fundada em 1756, sendo nesse ano publicados os estatutos da junta de Comercio creada por decreto de 30 de Set.^o de 1755 e cujo fim era o de promover o desenvolvimento do Comercio.

E' nos estatutos desta junta que se encontra o germen da primeira aula de comercio instituida em Portugal e cujo fim era o da formação de comerciantes e guarda-livros.

A criação duma aula onde se ensinasse escrituração mercantil, tornara-se uma necessidade não só

pelo desenvolvimento do comercio nessa epoca, mas, "porque, a falta de arrecadação de livros, redução de dinheiros, de medidas e de pesos, intelligencia de cambios e das mais partes que constituem um perfeito negociante, tem sido de grande prjuizo no Comercio destes Reinos".

Em 1759 foi pois creada a aula de comercio á qual só podiam ser admitidos individuos que soubessem ler, escrever e contar, verificado por exame de admissão.

O curso professado nesta aula era de 3 anos e comprehendia:

Arithmetica — Noções sobre pesos e medidas dos diversos preços de comercio em relações com o nosso paiz — Noções sobre cambios e sobre Seguros — Escrituração comercial.

Os conhecimentos adquiridos nesta aula de comercio eram, como vemos, bastante elementores, mas aos diplomados com o curso da referida aula, cercava-se uma grande protecção, aliás, justissima.

Eram-lhes destinados logares de Escribas da marinha mercante; empregos nas Companhias gerais, feiturias, administrações e sociedades de grande porte, e nas contadorias da Fazenda.

Proibia-se a admissão aos escritorios, de guarda-

livros, caixeiros e praticantes que se não tivessem matriculado na citada aula.

Quando em 1768 foi creada em Lisboa a officina de «Impressão Regia», nos regulamentos dessa officina figurava um guarda-livros habilitado com o curso da Aula de Comercio encarregado da escrituração de «todos os contos e demais papeis de impressão...».

Foram ainda diplomados desta aula de comercio, os primeiros professores da Academia Real de Marinha e Comercio, estabelecimento de ensino creado no Porto em 1803.

*

A aula de comercio era em 1844 anexada ao Liceu de Lisboa, tendo o ensino passado a ser feito em 2 anos, distribuido pelas 4 cadeiras seguintes:

Aritmetica comercial, compreendendo moedas pezos e medidas, elementos de algebra e geometria.

Geografia especialmente a comercial, chronologia e historia.

Escrituração, cambio, letras, seguros e pratica de escrituração.

Economia politica, direito administrativo e commercial

Depois desta anexação, em 1845, reconhecia-se dado o desenvolvimento do comercio nessa data, a deficiencia da aula creada em 1759.

Até 1865 o ensino comercial official não deve ter tido qualquer modificação porque, nesta data a Associação Commercial de Lisboa, representava ao governo para reformar o ensino comercial d'então visto a aula de comercio já não corresponder ao progresso da sciencia comercial.

A regalia concedida aos comerciantes, nomeando os jurados nos tribunais comerciais, obrigava-os a obter alguns conhecimentos de Direito Commercial.

Assim, pediu a Associação Commercial de Lisboa para quando fosse organizado o ensino Commercial, incluir neste alem de cadeiras de Direito comercial, uma de Economia Politica tambem de grande utilidade.

Como satisfação a este pedido era incluído em 1866 no programa da Escola de Comercio anexa ao Liceu de Lisboa uma Cadeira de Elementos de Direito Commercial e Maritimo e outra de Legislação economica e aduaneira.

Em 1869 nova modificação soffreu o ensino comercial com a criação de um curso de comercio no Instituto Industrial que passou a denominar se Instituto Industrial e Commercial de Lisboa.

Para organização do curso comercial foi creada uma cadeira compreendendo o estudo da escrituração e contabilidade industrial e comercial, seguros, cambios, letras, exercicios praticos comerciais e geografia comercial.

Esta cadeira foi em 1870 desdobrada em uma de contabilidade comercial teorica e pratica, escrituração e correspondencia comercial nas linguas portugueza,

franceza e Ingleza—exercicios praticos sobre arbitrios de cambios, seguros, letras, falencias e usos das principais praças de comercio.

A outra, de geografia, Historia comercial, elementos de Direito comercial e maritimo, estatistica comercial, conhecimentos praticos dos principais productos naturais e manufacturados que entram no comercio—Pratica e manipulação no laboratorio de chimica industrial.

As disciplinas da 1.^a cadeira constituíam o curso elementar as da 1.^a e 2.^a, formavam o curso completo de Comercio.

Mais modificações recebeu um ano depois o ensino comercial que vemos em 1870 desdobrado em 2 cursos: um elementor, outro, completo.

O 1.^o destinava-se a preparar «bons calculadores, excellentes escripturarios e arrumadores de livros» O completo, a preparar negociantes instruidos com latos conhecimentos de economia, legislação e Direito Commercial.

Data de 1883 a proposta ao Parlamento para a criação de um curso superior de comercio com o estabelecimento de cadeiras de contabilidade e operações comerciais e outra, para operações financeiras, pratica em escriptorios commerciaes; o ensino de Direito, augmentado em comercial, maritimo, civil, administrativo e internacional e legislação consular; e uma cadeira de mercadorias.

As restantes modificações que o ensino soffreu, são quasi dos nossos dias.

*

A aula de comercio cuja criação em 1759 era de absoluta necessidade para as exigencias de um comercio bastante desenvolvido, e cujos programas certamente haviam sido elaborados d'acordo com essas exigencias, só em 1845 era reconhecida como deficiente muito embora até ali ela tivesse sido um bom elemento de progresso.

A criação do nosso codigo de comercio de 1833, a introdução na escrituração de novos processos, o avanço da sciencia das contas e outras necessidades criadas pelas nossas relações commerciaes, obrigaram-nos a modificar o ensino comercial entre nós e a acompanhar o que se fazia lá fora sobre o assunto.

*

Não quizemos fazer a historia do ensino comercial em Portugal obra de folego superior ás nossas forças.

Outrosim, dar uma breve noticia sobre a criação da primeira aula de comercio.

As modificações que esta aula soffreu levou-nos a alargar o nosso trabalho, mas estamos certos de não nos termos afastado do assunto que nos levou a escrever estas linhas: a criação do primeiro estabelecimento de ensino comercial, official, no nosso paiz.

Prista Thiago.

No momento que atravessamos torna-se necessária uma grande energia honrosa para o trabalho e para a fraternidade, que são agora mais do que nunca, as mais poderosas alavancas de que a humanidade carece, afim de que os monstruosos pedregulhos do ódio, da ganancia e das paixões arremessadas pela guerra ao seio de todas as nações para lhes embargar a marcha para o Bem e para o Belo, possam desaparecer para todo o sempre.

E é ao comercio que pertence um dos principais papeis na conjugação das forças vitalizadoras que hão de salvar os povos do abismo tenebroso que se lhes escancara ameaçador.

Do anuario de 1920-21 da Escola
Raul Doria

MONOGRAFIA

CONTABILIDADE BANCARIA

Banco Mercantil e Industrial de São Paulo

(Continuação)

DEVE	CAIXA	HAVER	
<p>1899 Janeiro 12</p> <p>Saldo de 11</p> <p>Deposito em c/ corrente, S. Paulo Joaquim Chaves.</p> <p>Descontos Dos TD/SP 4</p> <p>Emissão Notas de 2000 da 1.ª série, ns. 1/30.000</p>	<p>25.707,560</p> <p>6.500,000</p> <p>40,740</p> <p>600.000,000</p> <p><u>632.248,300</u></p> <p>324.044,300</p> <p>10.000,000</p> <p>106,000</p> <p>300,000</p> <p><u>334.450,300</u></p> <p>313.850,000</p>	<p>1899 Janeiro 12</p> <p>Cambias de c/ propria Pago por quatro cambias, saques á n/ o/ frs. 6:323.000 1/1.000.</p> <p>Empréstimo Garantidos, S. Paulo Mario Gomes, cheque n.º</p> <p>Empréstimos a Descoberto A. Dias & C.ª</p> <p>Livros e Objectos de Escriptorio Pago á C.ª Industrial</p> <p>Remessas para Santos Ao Banco de S. Paulo para pagar á nossa Agencia em Santos</p> <p>Titulos Descontados em S. Paulo Pelo TD/TP 4</p> <p>Saldo para 14.</p> <p><u>308.204,500</u></p> <p>324.044,300</p> <p><u>632.248,300</u></p>	<p>63.230,500</p> <p>80.000,000</p> <p>60.000,000</p> <p>900,000</p> <p>100.000,000</p> <p>4.074,500</p> <p><u>308.204,500</u></p> <p>324.044,300</p> <p><u>632.248,300</u></p>
<p>Janeiro 14</p> <p>Saldo de 12</p> <p>Depositos em c/ correntes, S. Paulo Joaquim Chaves</p> <p>Descontos Do TD/SP 5</p> <p>Depositos para Avaliações De Moreira Porto. para avaliação dos bens que oferece em garantia hypothecaria</p> <p>Saldo de 14</p>	<p>324.044,300</p> <p>10.000,000</p> <p>106,000</p> <p>300,000</p> <p><u>334.450,300</u></p> <p>313.850,000</p>	<p>Janeiro 14</p> <p>Prestações a pagar Pago a Luiz Santos, 1.ª prestação do empréstimo m/ c. n.º 1</p> <p>Titulos Descontados em S. Paulo Pelo TD/SP 5</p> <p>Saldo para 16.</p> <p><u>20.600,000</u></p> <p>313.850,300</p> <p><u>334.450,300</u></p>	<p>10.000,000</p> <p>10.600,000</p> <p>20.600,000</p> <p><u>313.850,300</u></p> <p><u>334.450,300</u></p>

(Continua)

Horacio Berlinck

O comercio é a vida cheia de incertezas e perigos, e não é sómente a sciencia economica que auxilia o comerciante a fugir dos principios que tantas vezes o perdem.

Uma sciencia ha, que, embora modesta. lhe serve como que de agulha, indicando-lhe o rumo a seguir e marcando-lhe a distancia a que se acha em determinado ponto. Esta sciencia, que mostra ao comerciante d'onde ele veio, onde está e para onde se dirige, é a contabilidade.

Pequito.

SECCÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

OS GRANDES PROBLEMAS SCIENTIFICOS

No intuito de tornarmos esta revista o mais atraente possível, iniciamos hoje, com a versão de uma interessante entrevista scientifica que com a devida vénia um nosso estimado colaborador que se assina com o pseudónimo de—Braz Porto—traduziu de um magazine americano—Science and Invention—que na lingua inglesa se publica em Jamaica, uma serie de artigos sobre o progresso scientifico nas varias nações do mundo no intuito de trazermos os nossos leitores ao corrente desse progresso.

Por aqui se vê que não nos poupamos a esforços para tornarmos a nossa revista de cada vez mais merecedora da simpatia dos seus dignos assinantes.

A 760 metros debaixo do Mar

Um cientista americano bate todos os records da profundidade e descobre uma cidade submersa no Mediterraneo. Tratar-se-á da desaparecida Atlantida?

Uma entrevista com o Dr. Hans Hartman pelo engenheiro H. E. Serner.

Houve homens corajosos que partiram para os polos gelados, penetraram nos desertos tropicaes e queimaram florestas em busca da sciencia, outros investigaram a cultura antiga, estabelecendo, peça por peça, o alvorecer da civilização humana. Toda a terra foi já explorada, tendo desaparecido dos mapas todos os pontos brancos.

E contudo,—o maior veu permanece—um veu que cobre os misterios de mais de dois terços do globo. As profundidades do oceano conservam-se ainda desconhecidas. Na verdade, ellas já foram sondadas, e frageis rédes trouxeram para a superficie uns poucos dos mais pequenos habitantes luminosos daquelle misterioso abismo provando que a vida se estende até lá muito em baixo nas maiores profundidades, na eterna obscuridade em lugares onde existe uma tremenda pressão!

De acordo com a sciencia, toda a vida começou na agua. De microscópicas formas nos baixos recifes do Oceano, ela cresceu até os tipos gigantescos, os Saurios, que provavelmente desapareceram no primeiro periodo do gelo, depois que alguns emergiram e viveram em terra, em quanto que outros foram cada vez mais para baixo, durante gerações desconhecidas fixando-se no fundo do mar. Aquellas grandes profundidades não foram afectadas pelos gelos que podem ter envolvido o globo durante muito tempo, o qual se poderá contar por muitos milhares de anos. Conservar-se-ão ainda no fundo do mar os descendentes daquelles monstros e terão nascido gradualmente outras formas mais elevadas da vida naquele ignorado abismo? Não sabemos!

Quaes são os obstaculos que se opõem á exploração das profundidades do Oceano? Apenas a pressão e a obscuridade? Poderão ellas ser vencidas pela moderna sciencia da engenharia?

Ha trescentos anos foi inventado o sino de mergulhador de fundo aberto e mais tarde o escafandro; tanto um como outro aparelho expõem o mergulhador á pressão da agua. Desde então quase nenhum progresso real foi registado. Uns poucos de exploradores tem tentado, com o risco da sua propria vida e fortuna, descer mais profundamente com aparelhos que inventaram. Mas esses homens raras vezes encontraram apoio moral ou assistencia financeira. Alguns foram ridicularizados, outros perderam a vida. Alguns inventores construíram armaduras-escafundros que eram muito perigosas devido ás numerosas juntas que tornavam possível a entrada da agua. Outros construíram camaras mergulhadoras hermeticamente fechadas.

Um dos mais recentes exploradores neste magnificante e original campo é o Dr. Hans Hartman, um engenheiro electricista da cidade de Nova York, o qual tem trabalhado e sonhado toda a sua vida para penetrar as profundidades maritimas bem como iluminar e fotografar os segredos do oceano. Já em Dezembro de 1926 este magazine descreveu e illustrou a sua Camara Maritima Automatica em virtude da qual o Departamento Naval dos E. U. pôs á sua disposição o navio *Vestal* afim de habilitar a fazer as suas experiencias. O Dr. Hartman depressa verificou que precisava de uma outra Camara mergulhadora em que elle pudesse acompanhar a sua referida Camara maritima na descida perigosa.

Depois de varios anos de trabalhos após o termo da Grande Guerra, aperfeiçoou um cilindro mergulhador para grandes descidas, organizou uma pequena expedição ao mar Mediterraneo onde dirigiu interessantes trabalhos de pesquisa, os quaes foram limitados a um pequeno auxilio financeiro, no Golfo de Napoles e á volta d'elle, fotografando antigas ruinas submersas de palacios romanos da submersa cidade de Paleópolis assim como o arco submarino que illumia a famosa caverna de Capri. O proprio Mussolini removeu obstaculos que as autoridades locais em Napoles levantaram, telegrafando de Roma ao Dr. Hartman uma licença especial. A Europa interessou-se pelos trabalhos do explorador submarino americano que recebeu muitas sugestões.

O professor Maiuri, Director do Museu Nacional e das excavações em Pompeia, informou o Dr. Hartman de que alguns mergulhadores tinham encontrado perto da ilha de Rhodes restos luzentes como o ouro do desmoronado "Colosso de Rhodes", uma das sete maravilhas da antiguidade, mas a uma profundidade tal que não podiam ser atingidos com os vulgares escafundros; e sugeriu que o Dr. Hartman não deveria perder esta maravilhosa oportunidade durante a sua proxima expedição para investigar e eventualmente recuperar tão grande tesouro.

O Mediterraneo, o mar do antigo mundo, solicita-nos fortemente e o Dr. Hartman crê que a civilização nasceu no seu leito agora inundado, quando elle era ainda um vale fertil e semi-tropical contrastando perfeitamente com as steppes tristes que então cobriam a Europa Central. O Mediterraneo, sendo um mar de intensa evaporação e recebendo pouca agua de riberos e rios, era outrora separado do Oceano Atlantico por um dique natural e rochoso que se estendia através do estreito de Gibraltar, entre a Africa e Espanha.

O vale profundo e quente continha provavelmente dois lagos, separados por terrenos mais altos entre a Italia e a Tunizia, sendo ambos os lagos ligados por um estreito canal como se pode julgar pelas sondagens realisadas. Assim, o vale fertil e semi-tropical apresentava as melhores condições para o desenvolvimento humano. Toda a cultura occidental antiga encontra-se á volta d'elle. Para o norte os homens de Neanderthal (1) vaguearam nas frias e desertas steppes emquanto uma grande parte do hemisferio norte estava sepultado debaixo de centenas de pés de gelo; foi no fim da ultima epoca glacial.

(Continua)

Trad. de Braz Porto.

(1) Vale da bacia do Dussel, affluente do Rheno, na Alemanha.

A virtude e a sciencia

Sciencia e virtude são nobreza verdadeira.

As fidalguas herdades contestam-se, perdem-se, deslustram-se.

Desambam thrónos. Dissipam-se opulencias. As forças gastam-se. A mocidade e as graças dissipam-se. O poder aniquila-se. Os titulos revogam-se. As affeições transtornam-se. Os amigos finam-se. As condecorações despenham-se todas as noites. O mais carregado d'ellas, quem o distinguira, quando dorme, do mendigo nú?

Mas sciencia e virtude!... não são dotes externos, nem postigos ou convenções; nem autogardos por munificencia de principes ou por suffragios de povo, nem comprados, nem negociados, nem extorquidos. Grangeiam-se pelo trabalho; entesouram-se dentro; ninguém no-los pode roubar: acompanham-nos na solidão: consolam-nos nas desditas; elevam-nos sem nos ensoberbecerem; cercam-nos de amor, de gratidão e de respeito.

A sciencia enche e doura a vida: a virtude alegre a morte; e lá se vae continuar onde nada finda.

Visconde de Castilho.

Não é pobre o que tem pouco, senão o que cubiça muito. Atraz do trabalho vem o dinheiro com descaço.

Homem honrado, antes morto do que injuriado.

Mau é o rico avarento, mas peor é o pobre soberbo.

NOTAS DE ARTE

por GUIDO SEVERO

JARDIM PASSOS MANOEL

1.º Concerto Sinfónico

Desde meados do ano de 1927, que não se realisavam concertos sinfónicos, no Salão de Festas deste aprazível recinto de diversões.

O último deles, foi dirigido pelo professor Efisio Anedda.

Fernando Carriedo, artista com A grande, sem favor algum, realisou um autentico e formidavel *tour de force*, constituindo uma orquestra de 22 executantes, todos escolhidos entre os poucos elementos que encontrou fóra da Associação dos Músicos Portuenses, já que os não podia ir buscar a esta colectividade, em vista de lá o não terem admitido como sócio, apesar dos seus 4 anos de permanencia em Portugal, e de sêr um músico digno desse nome.

Desta fórmula, uma vez que o não queriam no seu grémio, Fernando Carriedo tinha dois caminhos a seguir: ou retirar-se do nosso País, por aqui o não deixarem exercer o seu mister, ou trabalhar com quem lhe aperecesse, independentemente do *placet* da Associação.

Foi o que fez. Apresentou a sua excelente Orquestra Jazz, que anima todas as noites o *hall* do Passos Manoel, com as melhores músicas de dança do reportório moderno, fazendo Arte ao mesmo tempo, (visto que a música puramente de Jazz é a negação de toda a Arte), pois também tem abordado o género clássico com exito

Com alguns alunos do Conservatório e outros elementos procurados nos arredores desta cidade, organizou a sua pequena orquestra, que sob a sua batuta firme e disciplinadora, demonstrou muita afinção e grande união em todos os naipes.

E' muito para lamentar, que exactamente quando a Associação mais se queixa da crise que atravessa a Classe Musical, a ponto de se encontrarem muitos dos seus componentes desempregados ha muito, se tenha de recorrer a artistas de fóra da Terra, provocando deste modo o agravamento da dita crise.

O programa executado era da maxima responsabilidade, (Beethoven, Debussy, etc.) e apesar d'isso, a assistencia ao concerto realisado, diminuta embora, mas muitissimo seleccionada, mostrou ao regente nas suas ovações no fim de cada trecho, que bem comprehendia o seu esforço gigantesco, e, igualmente lhe tributava admiração pelas suas belas qualidades artisticas, bem como pela notavel unidade da sua orquestração.

Este concerto sinfónico teve uma grande vantagem para nós portuenses.

Ele veio dar-nos a demonstração clara e inofismavel de que, para nos abalançarmos com exito ás mais arrojadas iniciativas em materia de arte, nos falta em incentivo, força de vontade e persistencia, o que nos sobeja em qualidades de aptidão e valor.

Aquela meia duzia de executantes, se pode dizer, que vimos no palco do Salão de Festas do Passos Manoel, interpretando os grandes corifeus da divina

Arte dos sons, não apareceram em Público pela primeira vez.

Já todos existiam no nosso meio, cultivando a arte da música, uns como profissionais, outros como amadores.

Mas só agora encontraram num espirito firme e resolutivo, a força organisadora, encorajante e persistente, indispensavel para os reuuir.

Com um tino, uma pertinacia e uma devoção que nunca será demais louvar, Fernando Carriedo congregou, através de mil obstáculos, vencendo a cada passo uma nova contrariedade arreliante, todos os elementos dispersos que pôde arranjar.

E, apesar da qualidade heterogenea desses elementos, conseguiu deles coisas, espantosas até para os mais incredulos, mesmo para os que duvidaram sempre do exito destes concertos. Não admira isto, num País onde para se venderem os artigos da Industria Nacional, é preciso colar-lhes rótulos estrangeiros.

Mas, vamos adiante.

A marcha fúnebre do «Crepusculo dos Deuses» de Ricardo Wagner, onde se sente perpassar a asa desse génio de grande poder, bela obra pelo esplendor e riqueza da sua orquestração, foi executada com brilho, sobressaindo os metaes, notando-se o trompete José Teixeira, que progride a olhos vistos e ha-de vir a ser um belo solista.

A «Sinfonia Incompleta», de Schubert, obra unificada de toda a grandesa e força de sentimento, sendo este unido á maior ternura e lirismo, que atravessa toda a obra do grande compositor austriaco, mereceu á orquestra uma bela execução, sobressaindo o clarinete Georges Caumont, distinto solista já bem conhecido do nosso Publico.

Finalmente a «Rapsódia Hungara n.º 2» de Liszt, cheia de fogo e virtuosidade orquestral, foi tocada com todo o *entrain*, arrancando o final prolongados aplausos da assistencia. E', digna de menção a bateria sob a direcção do distinto artista Gregorio Paramo.

Se Fernando Carriedo dispusesse de mais elementos e tivesse dois bons solistas na corda, digo-lhe sem receio de desmentido, que com a sua grande intuição artistica, a sua tenacidade e o seu valor, poderia apresentar-se com a sua orquestra, sem receio algum, no nosso primeiro Teatro, que não fazia fraca figura, muito antes pelo contrario, *quaesquer que fossem os trechos a executar*.

Temos lá ouvido concertos sinfónicos bem deficientes, com programas pomposos, muitos executantes (alguns só para fazer número), dirigidos por individuos sem pratica de batuta, que julgam ser suficiente para reger uma orquestra, o conhecer-se bem um instrumento qualquer, geralmente o piano.

Compete agora á Empresa do Jardim Passos Manoel, dar força a Carriedo, para que a sua iniciativa frutifique, e nós possamos tornar a gosar os bons serões de Arte, já de saudosa memória, com que aquela entidade deliciava todas as quartas-feiras os *dilettanti* portuenses.

GRANDE COLÉGIO DA BOAVISTA

(FUNDADO HA 66 ANOS)

PARA O SEXO MASCULINO

Internato, Semi-Internato, Externato — CURSOS: Primário, Liceal (completo) e Comercial, Música, Dança, etc.

RUA DA BOAVISTA, 112 TELEFONE, 4068

FILIAL

VILA REAL

COLEGIO NOSSA SENHORA DA BOAVISTA

Palacete das Virtudes

FILIAL

S. JOÃO DA MADEIRA

Colegio Castilho

(Foi inaugurado em 11 de Outubro)

ESPECTACULOS E DIVERSÕES

Teatro S. João

Companhia ALVES DA CUNHA,

dirigida pelo maior tragico português, de que faz parte
a distinta actriz BERTA DE BIVAR

Teatro Sá da Bandeira

Telefone, 2595

EMPRESA ANTONIO CASTRO

Companhia SATANELA-AMARANTE
de Comédias, vaudevilles e revistas

— EXCELENTE REPORTORIO —
MAGNIFICO CONJUNTO ARTISTICO

Jardim Passos Manuel

Telefone. 1034

Esplendoroso Music-Hall. O melhor recinto de
diversões do País. Luxuoso Salão de Festas.

CINEMA E VARIEDADES

FITAS ESCOLHIDAS

Orquestra Jazz sob a direcção do grande artista FERNANDO CARRIEDO

Salão Jardim da Trindade

Telefone, 4412

Rendez-Vouz da sociedade elegante portuense

Soirées Chics

Orquestra Jazz sob a direcção do distinto
violinista Eféio Anedda

FILMS ESCOLHIDOS

PROGRAMAS VARIADOS

Olympia

Telefone, 532

Maquina de projecção SAXONIA com um foco duma
nitidez perfeitissima.

Neste salão são apresentadas sempre as melhores "super-produções,"
Orquestra de concerto primorosa composta de nove professores
sob a direcção do insigne violinista LAMY REIS

Agua d'Ouro

Telefone, 2619

O cinema mais luxuoso do Porto

PROGRAMAS PARAMOUNT

Neste salão dotado de todos os confortos modernos são passadas
as fitas de maior renome mundial
MATINÉES ELEGANTES

Concertos pela excelente orquestra composta de 13
professores sob a direcção do maestro HORACIO BORGES

Odeon «Cine-Teatro»

Empresa A. da Silveira Marta—Telefone, 4850

R. Pnto Bessa (angulo da rua Nova da Lomba)

A mais moderna casa de espectaculos do Porto

Sempre fitas novas

VARIEDADES

Orquestra-Jazz executando os mais selectos programas

Novo Salão High-Life

Telefone, 1407

Praça da Batalha

O cinema mais popular do Porto

Peliculas sensacionais

PROGRAMAS ESCOLHIDOS

Orquestra-Jazz dirigida pelo professor Antonio Carvalho

Palacio de Cristal

O cinema mais barato do Porto

na NAVE CENTRAL e no GIL VICENTE

às terças, quintas e domingos

Chás dansantes

no «dancing» do Restanrant

JANTARES CONCERTOS

todos os dias ás 19 horas

VISITEM O AVIARIO